



Investigação de campo

Raízes Energéticas da Experiência Profunda

Sul da Índia

Karen Rohn
Abril 2002

Índice

Síntese e resumo _____	3 – 4
Nota _____	5
Preparação _____	6 – 8
Investigação _____	9
Primeira Etapa _____	9 – 13
Segunda Etapa _____	14 – 18
Observações gerais _____	19 - 20
Conclusões finais _____	21

Anexos

Festival de Thai Pongal _____	22
--------------------------------------	----

Entrevistas

Dr. Krishnam _____	23 – 26
(Diretor do Departamento de Saiva Siddhanta Studies, University of Madras)	
R. Muthakumara Swami _____	26 - 27
(Diretor, The South India Saiva Siddhantha Works Publishing Society)	
Guru Sri-La-Sri KaSaivasi Dharumai Aadeenam _____	28 - 31
(Dharumai Aadeenam Mutt)	

Bibliografia _____	32
---------------------------	----

Síntese e Resumo

Síntese:

Esta investigação esteve dedicada a encontrar vestígios de raízes originais da Disciplina Energética e a existência, ou não, de práticas energéticas reais entre os hindus e Shivaístas Tântricos em Tamil Nadu, no sul da Índia. Centrou-se na experiência pessoal adquirida pela participação em suas cerimônias e práticas devocionais; observação da organização dos espaços sagrados e a atmosfera afetiva nas relações humanas. Para isso visitamos templos, santuários, participamos em cerimônias, fizemos entrevistas com gurus, pesquisadores e devotos. Este informe contém descrições dos lugares visitados, as transcrições das entrevistas e as conclusões baseadas em impressões e experiências pessoais.

Resumo

Preparação

A preparação para a investigação in situ foi feita com a busca de textos produzidos no sul da Índia, por hindus, sobre os shaivas Saiva Siddhanta, e conversas com o Mestre¹. Foi estabelecido contato com nossos amigos em Chennai para apoio logístico.

Plano

A investigação de duas semanas começou depois de uma semana de encontro com amigos e a realização de cerimônias com diferentes grupos de pessoas. A investigação foi construída em torno a um plano básico de visitas a templos indicado em conversas com o Mestre, e participação em todos os níveis da vida religiosa Saivita, entrevistas e conversas com todas as pessoas possíveis. A proposta central era de encontrar evidência de experiência profunda nas cerimônias e os lugares de devoção. O aspecto pessoal ocorreu de forma a buscar uma experiência pessoal, e amigos em Chennai acompanhariam a pesquisadora nas viagens e visitas. A prática diária da Ascese foi a fonte central para orientar as decisões, os pressentimentos e as intuições que foram a base dos movimentos ao longo da investigação.

Investigação de campo

A primeira semana ocorreu com entrevistas, leitura, visitas aos templos de Chennai e uma curta viagem a Madurai, a cidade dedicada à Shakti. Realizaram-se visitas aos templos de diferentes religiões, entrevistas com especialistas e conversas com os devotos. Isto se experimentou como a entrada, um "passo" em uma cultura religiosa inteira dedicada à Shiva e a religiosidade mãe agrária. A participação em suas práticas e rituais do templo, conectando internamente com os gestos e as orações junto com os devotos, facilmente produziram as primeiras experiências de inspiração e o reconhecimento do substrato energético do Shaivismo.

A segunda semana se baseou em viagens fora de Chennai, nas aldeias pequenas e templos importantes. Esta semana foi guiada por pressentimentos, registros pessoais e conseguimos entrar em contato com gurus importantes, com os guardiães dos templos, participar nas cerimônias intensas nos templos da Mãe e na vida da comunidade que rodeia o templo. Pudemos "entrar" ainda mais na atmosfera e em uma frequência interna que produziu importantes experiências energéticas e compreensões sobre esta paisagem sagrada.

¹ O Mestre ou Mestre; sempre se refere a Silo.

Conclusões:

Se bem que o objetivo da investigação era ver se todavia existia a experiência fundamental e o que havia passado com tudo isso, pouco a pouco se tornou evidente que se existe uma experiência interna fundamental praticada hoje em dia em forma de uma ascese organizada como a que conhecemos, para nós resultou bem escondida, ou desconhecida ou não se fala dela. O que ficou claro foi que estávamos em uma cultura completa baseada na experiência interna energética e que esta experiência continua vital hoje em dia nestes povoados. O que foi de sumo interesse foi ver como uma cultura podia continuar transmitindo os códigos de uma experiência original profunda através de milhares de anos desde suas origens.

Punta de Vacas
Março 2009²

² Este documento é a revisão definitiva feita no Parque Punta de Vacas, em dezembro de 2011.

Nota

A presente investigação, que foi realizada no final de outubro de 2001, pode se considerar terminada com este informe final. Deveria levar-se em conta que este informe não implica uma análise completa e exaustiva do complexo e fascinante tema em questão, mas sim que se trata de uma recopilação de diversas “amostras” tomadas da cultura Saivita no estado de Tamil Nadu, no sul da Índia.

O informe é basicamente descritivo e está organizado em três partes: a preparação, a investigação in situ em breves observações e conclusões. Inclui reconstruções (não transcrições) das entrevistas mais ilustrativas e também algumas fotos. Não contamos com fotos dos recintos mais internos dos templos porque neles está proibido o uso de câmeras fotográficas. Adjunta-se uma lista da bibliografia reunida e disponível para futuros estudos.

Alguns dos nomes e palavras na língua tamil podem estar mal escritos porque os colocamos tal como os ouvimos em conversas, sem referência escrita, reproduzindo-os foneticamente.

Abril de 2002

.....

Comentários adicionais:

Há quase 10 anos entre a realização desta investigação e a realização desta revisão. Talvez se estivesse escrita hoje em dia vários pontos seriam diferentes, mas decidi deixá-lo basicamente em sua forma original, já que, por um lado, continua me parecendo válida a maior parte do texto e as coisas com as quais não estou de acordo também deixei de lado já que este estudo é um documento histórico do que se entendia naquele momento.

Ao revisar minhas notas encontrei uma descrição do Festival Pongal que foi deixada de fora do documento original e que agora está inclusa nesta versão revisada. Este festival muito popular da colheita, que marca o solstício de inverno no sul da Índia, tem suas raízes nas crenças e costumes da zona de Tamil Nadu. Alguns dizem que este festival tem pelo menos mil anos, outros dizem que é muito mais antigo e eu estou mais de acordo com esta segunda opinião. Nestas descrições pode-se intuir a vitalidade de uma espiritualidade antiga, com um substrato energético nas cerimônias, os códigos, rituais e imagens deste evento.

K. Rohn

Revisado em dezembro de 2011

Preparação

Objetivo: Estudo de campo para resgatar in situ os restos do que foi originalmente a Disciplina energética em seu estado primitivo, verificando o estado em que ficou tudo aquilo.

Critério: Buscar no sul da Índia, Madras e cidades e lugares mais ao sul de Madras, as práticas dos Shiviatis e Tântricos Hinduístas. A ideia é buscar experiências, não teorias.

Passos da preparação (novembro e dezembro de 2001)

- 1) Leitura de livros e outros materiais para nos familiarizar com o vocabulário e entender como o tema se estrutura e se apresenta ao ocidente. Trata-se do mesmo esquema que encontraremos na Índia.
- 2) Definir os indicadores que utilizaremos para interpretar o que possamos encontrar.
- 3) Montar a “apresentação” a ser empregada para poder fazer diferentes contatos e ingressar em diferentes lugares.

Conclusões

A maior parte da literatura tântrica que circula no ocidente é de origem tibetano-budista. Procuramos em livrarias e em lugares específicos de internet, tanto em espanhol como em inglês, e nos encontramos com centenas de livros e referências sobre o Yoga Tântrico. De qualquer maneira, com uma pequena amostra e notas tomadas de conversas com o Mestre, contamos com o seguinte:

História

Breves comentários de notas não oficiais:

Sobre a experiência dos espaços profundos:

“Esses âmbitos estão cobertos e não podem se expressar. Sempre se viu em distintas culturas. Podem resgatar deles certos registros quase sensoriais. Através dos sistemas de ascese, ao praticante lhe vão aparecer. São lugares que existem em todos os seres humanos e é o lugar de inspiração profunda. Os que tomaram contato com esses lugares e tempos e espaços sagrados, depois são externalizados e aparecem, por exemplo, traduções do tipo “se vais por esse bosque aparecerá tal Deus....., etc.”. Esta é a base da religiosidade e efetivamente são outros tempos e outros espaços que nada tem a ver com os espaços e tempos habituais. Este é o ponto ao qual apontam as distintas asceses que definitivamente são sistemas organizados de procedimentos para chegar lá.

“NY³ é uma das vias. Foi vista na Índia e na China. Na Índia pré-védica, pode-se resgatar suas origens em alguns rituais sexuais do sul da Índia. Estes ritos tinham a ver com o sacramental que depois foi se derivando nos shivaístas (pode-se fazer um paralelo entre Shiva e Dionísio da civilização helênica) e daí aos tantras. Diferentemente dos hindus que definiram sua religião para ser mais bem local, os budistas que eram expansionistas levaram em seus deslocamentos o tantra ao Tibete, emergindo o budismo tântrico bon, mais de raiz xamânica. Portanto, dizemos que diversas asceses te levam através de um sistema a esses âmbitos e tudo está

³ NY é uma abreviatura de "Nosso Yoga", o nome original da Disciplina Energética.

muito ligado à experiência religiosa... também podemos dizer que o cerimonial coloca em marcha registros e os shivaístas sistematizaram isto.

“Por sua parte, os índianos fizeram distinções em diferentes yogas que sim são formas de ascese: (a) Bhakti yoga ou yoga devocional e contemplativo, (b) Ngana yoga ou do conhecimento, e (c) Raja yoga dos asanas ou posturas e respirações. Ao tantra o localizam no Bhakti. A disciplina tântrica é uma mística de contemplação.”

Literatura

1. Em geral, os livros mais difundidos escritos nos últimos 20 anos têm a ver com uma “apresentação ocidental” de Shiva. Isto é resultado de uma combinação de práticas e posturas sexuais, rituais mágicos (mantras, jantras), substâncias tóxicas, figuras religiosas e deuses (Shiva, Shakti) e os gurus atuais e/ou “manuais de instruções”. Em geral, os autores dos livros dizem que são “investidos” (por seus próprios gurus pessoais) com o direito a revelar antigos segredos ao público ocidental que não terá “a oportunidade ou necessidade”, de ir a Índia buscar um guru. Habitualmente, a apresentação inclui um amplo contexto sobre o yoga tântrico tibetano combinado com referências à alquimia, à Deusa, à física e uma vasta gama de informação desconexa e confusa. Nada se fala de processos, pouco se fala de registros internos e muito sobre imagens voadas.

Em geral, o tantrismo é considerado como “um caminho de prazer, fácil e místico” que permite ter rapidamente “experiências cósmicas”.

2. Há estudos mais sérios (M. Eliade e diferentes Swamis anteriores aos anos 70) que tratam o tema como um caminho difícil e comprometido. Em tais casos a pergunta é como o yoga, em suas diferentes formas (Bhakti, Hatha, Raja, Tantric, etc.), foi desenvolvido como via com o fim de compreender o trabalho dos sentidos, a memória e os níveis de consciência para alcançar profundas experiências de si mesmo, para se liberar do sofrimento causado pela dependência do corpo e da consciência. Nestes estudos se explicam ou mencionam as diferentes dificuldades e suas manifestações particulares que cada um pode encontrar no caminho de liberação espiritual. A discussão dos temas é vigílica e os registros são explicados com mais precisão.

Estes livros dão contexto histórico, filosófico e psicofísico e tratam o tema do yoga como um processo ao qual há que se dedicar toda a vida.

3. Manuais de diferentes Swamis sobre a energia kundalini e Hatha Yoga. Ainda que não são de natureza tântrica, tratam especificamente da concentração e direção da energia sexual mediante posturas e registros tecnicamente precisos.
4. Os “Aforismos do Yoga Sutra” de Patanjali é um dos poucos livros interessantes que servem de referência para o Yoga. É a primeira recopilação de diversos autores realizada nos séculos II e III antes desta era. Contém ideias lúcidas e claras e também desenvolvimentos que podem ser considerados como referência de reflexão para o processo interno.

Madri (janeiro de 2002)

Conversas com o Mestre

1. A “apresentação” que utilizaríamos seria a da busca pessoal de experiência interna. Não estamos fazendo um “estudo” nem uma investigação jornalística.
2. A intenção é ir aos lugares onde a expressão do energético foi mais intensa, ou seja, no sul da Índia.
3. Seria bom poder participar nas cerimônias Saivitas. Alguém deve me acompanhar para que me traduza o que digam.
4. Ir a lugares de reunião das pessoas (clubes, ashrams, centros de meditação, etc.), onde leem seus livros e falam às pessoas. Ouvir o que dizem.
5. Visitar os gurus. Há diferentes níveis de gurus, desde o guru de bairro que atende às necessidades das famílias e da vizinhança, até os faquires e outros níveis de gurus importantes.
6. Seguramente encontraremos as religiões fragmentadas, dado que isto é o que acontece em todas as culturas antigas. Encontraremos uma “salada” de coisas, e esse é o estado atual da religião.
7. Interessa-nos ver o que eles recomendam a alguém que busca aperfeiçoar-se.
8. É difícil definir o tipo de “indicadores” que poderiam utilizar para interpretar a experiência verdadeira atualmente. O conhecimento necessário para interpretar com exatidão os códigos não está em minha experiência cultural, considerando que toda a experiência interna se traduz através de imagens culturais. Não há que se preocupar com isso.

Índia

1. Ter a oportunidade prévia de acompanhar a A. em suas conversas com os monges budistas de Sri Lanka, resultou de grande ajuda para poder me localizar no Oriente desde o ponto de vista da investigação. Em todo caso, Sri Lanka tem pouco a ver com Índia, assim como os budistas com os shivitas, mas de alguma forma me dava mais confiança que levar a cabo sozinha a investigação na Índia.
2. Nas duas ocasiões em que celebramos nossas cerimônias em Madras me vi em situação de trabalhar estreitamente com os indianos e me familiarizar com seus códigos de relação. Isto me ajudou a “localizar-me” desde o ponto de vista de códigos culturais e quanto a como avançar.

Investigação

4 a 18 de fevereiro de 2002

A investigação de campo na Índia pode ser dividida em duas etapas.

Equipe: Seus integrantes foram H. (islandês, que vive em Chennai há 8 meses e tem muito respeito e afeto pelo povo indiano) e Raghavan (devoto de Saiva e grande conhecedor da religião e da história de Tamil Nadu), que serviu de guia e tradutor. Por sua vez, Raja nos acompanhou durante dois dias.

Primeira etapa

Atividades:

Chennai:

Visita aos templos de Shiva e de Rama Krishna
Entrevista com Dr. Krishnam, Diretor de Estudos sobre Siva, Universidade de Madras

Entrevista com Swamy R. Muthukumara, Diretor da Editora Siva Siddhanta.

Conversas com muitas pessoas nos templos

Conversas com diferentes amigos shivitas em Chennai

Madurai:

Duas visitas ao Templo Meenakshi (Templo Shakti)

Duas visitas ao Templo Shakti

Visitas a templos pequenos na beira da estrada

Visita ao Palácio Real

Entrevistas⁴



⁴ No sentido dos ponteiros do relógio, começando na parte superior esquerda: (1) Dr. Krishnam, (2) guru pessoal de R. Muthukumara Swamy, (3) R. Muthukumara Swamy e sua família, (4) Raghavan, Dr. Krishnam, Karen e Hannar; (5) Guru Sri Sri-La-KaSaivasi Dharumai Aadeenam.

As conversas com o Dr. Krishnam e o Swamy R. Muthukurama (ver anexo) nos permitiram recolher a seguinte informação:

- O saivismo é um caminho religioso pessoal que não tem intermediários.
- O saivismo tem quatro Escolas de culto a Shiva. A escola Tamil Nadu é a que se denomina Saiva Siddhanta.
- O saivismo tem um tipo de ascese devocional que se divide em passos, os quais correspondem a experiências internas progressivas e mudanças de conduta.
- A aspiração máxima é a iluminação a qual se chega mediante uma trilha intencional que se constrói seguindo os passos indicados, porém o definitivo é a experiência máxima que a decide Shiva. Trata-se de uma combinação de trabalho consciente com êxtase religioso.
- O saivismo considera ao mundo dos sentidos como o ponto de partida para os primeiros passos de sua ascese, e que a nada deve ser renunciado. Tudo deve ser incluído e o progresso interno e a capacidade atencional da consciência são “naturais”. Desta maneira podem ser transcendidos os sentidos para chegar à experiência sem representação de deus ou da mente.
- Os gurus são os que “sabem” sobre os mistérios deste caminho, e eles não falam com ninguém e se retiram aos bosques ou aos Himalayas. Assim é como devem ser as coisas, ninguém espera que eles andem falando com alguém. O mundo está em ordem quando os gurus estão nas montanhas.
- Só os gurus sabem sobre os chacras e a mobilização disciplinada da energia.
- O conhecimento doutrinário é escasso no melhor dos casos, já que seus livros sagrados não estão inteiramente traduzidos ao tamil.
- Haviam dois especialistas em tamil que escutamos uma e outra vez (também nomeados por outros), porém que atualmente não vivem em Tamil Nadu.

Entrevistas com devotos nos templos e outros lugares



- Não se considera que as divindades Shiva e Shakti estejam “dentro” do ícone, porém os templos são lugares divinos de grande poder. Neles os deuses aparecem ou realizam ações importantes, razão pela qual lhes tratam com grande respeito.
- É parte das obrigações de uma pessoa honrar aos deuses.
- Shiva dará resposta aos pedidos sinceros através de ações de outros, sejam pessoas conhecidas ou desconhecidas, ou através de situações. Shiva também pode dispor de alguém para ajudar a outros. É necessário estar muito atento a tudo o que acontece no próprio mundo porque é ali onde Shiva atua de maneira direta ou indireta.
- Shakti é a grande mãe, a grande Deusa. Ela é mais importante que Shiva porque é a origem de todas as coisas. Tem o maior dos poderes e protege a seu povo. Ela é a energia e se apresenta de múltiplas maneiras e tem diferentes manifestações em cada vilarejo.

Visitas aos templos



Decidimos visitar os templos porque são os lugares onde mais se congregam os shivitas. Nosso interesse tinha dois motivos: a) observar simplesmente as pessoas e a construção dos lugares sagrados; b) posicionarmo-nos como devotos para tratar de registrar algo do que eles experimentam.

- Os templos são lugares de encontro social, oferendas religiosas, cerimônias e festivais.
- Os arredores dos templos estão cheios de estátuas deste panteão religioso: shaktis, deuses, serpentes, adornos naturais da flora e da fauna.
- Os templos de Shiva e Shakti têm um “santuário sagrado” onde se aloja o ícone principal. A partir desse lugar é construído um ilimitado número de passagens, salas, pátios, estanques, etc., dependendo do tamanho do templo.
- Grande ou pequeno, o templo tem um conjunto de nichos com ícones de Shivalingam ou de Shakti, onde os devotos podem fazer oferendas ou orações a seu deus. Nos espaços abertos há muita gente conversando, sentada, dormindo, cozinhando e fazendo uma quantidade de coisas em uma atmosfera distensa.

- Os santuários internos têm ícones de Shivaligam ou Shakti, nenhum dos quais se representa de forma humana. Estes santuários são escuros, cavernosos, sempre com fogo e oferendas (sacrifícios) de flores, frutas, etc.
- Quando se adota a atitude de um devoto e se levam a cabo suas ações e rituais, pode-se registrar “a presença” da deidade nos santuários internos. O registro era de Paz ou Força.

Conclusões

Durante a primeira semana fizemos entrevistas, leituras, visitas aos templos de Chennai e uma curta viagem a Madurai, cidade dedicada a Shakti. Nossa atividade foi basicamente a de tratar de “fincar pé” dentro da grande “salada” que significa o panorama religioso do sul da Índia. Rapidamente caímos em conta do que significa a “multiplicidade” da cultura indiana: tudo tem muitos sentidos, numerosos nomes ou, em outras palavras, abundantes e diferentes apresentações e formas de se dizer. Na tentativa de encontrar uma ordem e um fio condutor para poder avançar na investigação, tornou-se evidente o peso e a complexidade desta cultura tão antiga. Centenas de gerações de desenvolvimento humano no mesmo espaço físico fazem que nada seja simples ou plano.

São milhares os templos que há em Tamil Nadu. Cada vilarejo tem pelo menos um templo de Shakti, Shiva e Vishnu. Estão cobertos com toda a iconografia de imagens da natureza em sua base, entrelaçadas com outras tantas de Shiva e Shakti (Meenakshi, Parvati, Lakshmi, Kali, etc.). Todo o panteão junto com as imagens da realeza que financiou a construção (das épocas mais recentes, a partir do século XIV). Os ícones representam as façanhas, fábulas e mitos dos deuses, sobre os quais todos parecem saber. Ditos templos têm uma base doutrinária em sua construção com diferentes câmaras e salas escuras e carregadas com o característico “odor a templo” (flores, frutas, ghee, etc), além dos labirintos em forma de corredores e os estanques para se limpar. O sistema de imagens vai desde o humano, dinâmico e sensual no mais externo até o mais interno, que é imóvel, primitivo, potente e absorvente.

Não há “autoridades” evidentes que controlem o que acontece no templo. As pessoas entram e saem e cada qual parece saber o que está fazendo. Os ícones mais internos contam com o cuidado dos “grukals”, membros de uma casta encarregada de preservá-los. Eles levam as oferendas das pessoas até o ícone e voltam com cinzas sagradas e flores para dar aos oferentes. Os grukals não têm uma importância significativa para as pessoas como referências espirituais.

Os shivitas de Tamil Nadu se concentram em torno à expressão religiosa de Saiva Siddhanta. Para eles, a palavra Tantra é o nome que se dá a seus Agamas ou livros sagrados. Sua principal forma de culto a Shiva é o Bhakti Yoga, o qual consiste em uma dedicação devocional a um deus pessoal. De acordo com seu processo religioso, quando alguém se dedica ao desenvolvimento interno já não necessita ir ao templo porque descobriu a deus dentro e fora de si. Ainda que esta compreensão parecesse altamente evoluída para uma religião, desde o ponto de vista de nossa investigação nos complicava as coisas porque não aparecia nenhum “lugar” onde pudéssemos encontrar aquelas pessoas que estivessem seriamente dedicadas a um processo de ascese e tivessem experiências internas interessantes. A sensação geral era que enquanto mais aprendíamos sobre Saiva Siddhanta, mais complexo resultava a paisagem à luz de nosso interesse em encontrar essas experiências internas importantes.

Segunda etapa

Na segunda e última semana foi quando decidimos avançar com a informação que tínhamos e nossas intuições. Tal informação consistia em: 1) os gurus que conheciam os “mistérios” do processo interno estavam sempre em retiro e não falariam conosco; 2) os gurus que faziam propaganda de si mesmo não eram realmente os tais; 3) as pessoas dedicadas a uma verdadeira ascese não estavam nos templos; 4) o único signo externo de um sábio ou santo era a congregação formada ao seu redor (satsang), e a única “satsang” conhecida era a Mutt. O Mestre havia mencionado visitar Tiruchchirappalli, de maneira que decidimos visitar a Mutt e a cidade de Tiruchchirappalli, e seguir o conselho de nosso guia de viagem de visitar Chidambaram e o Valle Cauvery.

Nesse momento já havíamos chegado à conclusão de que se existia uma experiência interna fundamental no sul da Índia, não a poderíamos reconhecer. Porém o que sim resultava reconhecível era como havia se desenvolvido toda uma cultura em torno a antigas experiências energéticas fundamentais. Isto era evidente pelos valores que exibiam as imagens externas e uma certa lógica na forma de ascese. Então, decidimos que seria de muito interesse continuar tratando de entender as diferentes facetas da expressão real dessas experiências fundamentais, por isso nos concentramos na única “pista” de pessoas interessantes que tínhamos.

Atividades

Chennai	Participação em um festival importante do templo de Shiva. Visita ao Museu Nacional de Arte. Salas de iconografia. Visita a um templo e altar de uma casa privada. Entrevista com um guru de vizinhança. Entrevista com um guru e visita ao ashram. Mais conversas com o Swamy R. Muthukumara. Conversas com diferentes seguidores de gurus “top”.
Chidambaram	Visita ao templo de Shiva “Éter”. Visita ao templo de Shakti. Visita a um templo e altar de uma casa particular.
Valle do Rio Cauvery	Visita ao Mutt Ahhdeem e ao templo de Shakti. Entrevista com o guru Sri-La-Sri Kasivasi Dharumai Aadeenam. Visita a um templo de Shakti em um vilarejo. Visita a uma fundição de bronze.
Tiruchchirappalli	Visita ao templo de Shiva “Água”. Visita a um importante templo de Mariama e Shakti. Visita ao principal templo Vishnu. Conversa com seguidores do guru de vizinhança.

Entrevistas

A primeira entrevista foi com um guru de vizinhança que está totalmente dedicado a alcançar a imortalidade para si e sua família mediante trabalhos para tornar-se invisível. Isto o leva a cabo com uma dieta especial e a devoção a um Shivite, que havia “desaparecido” e, portanto, se havia transformado em uma natureza invisível.

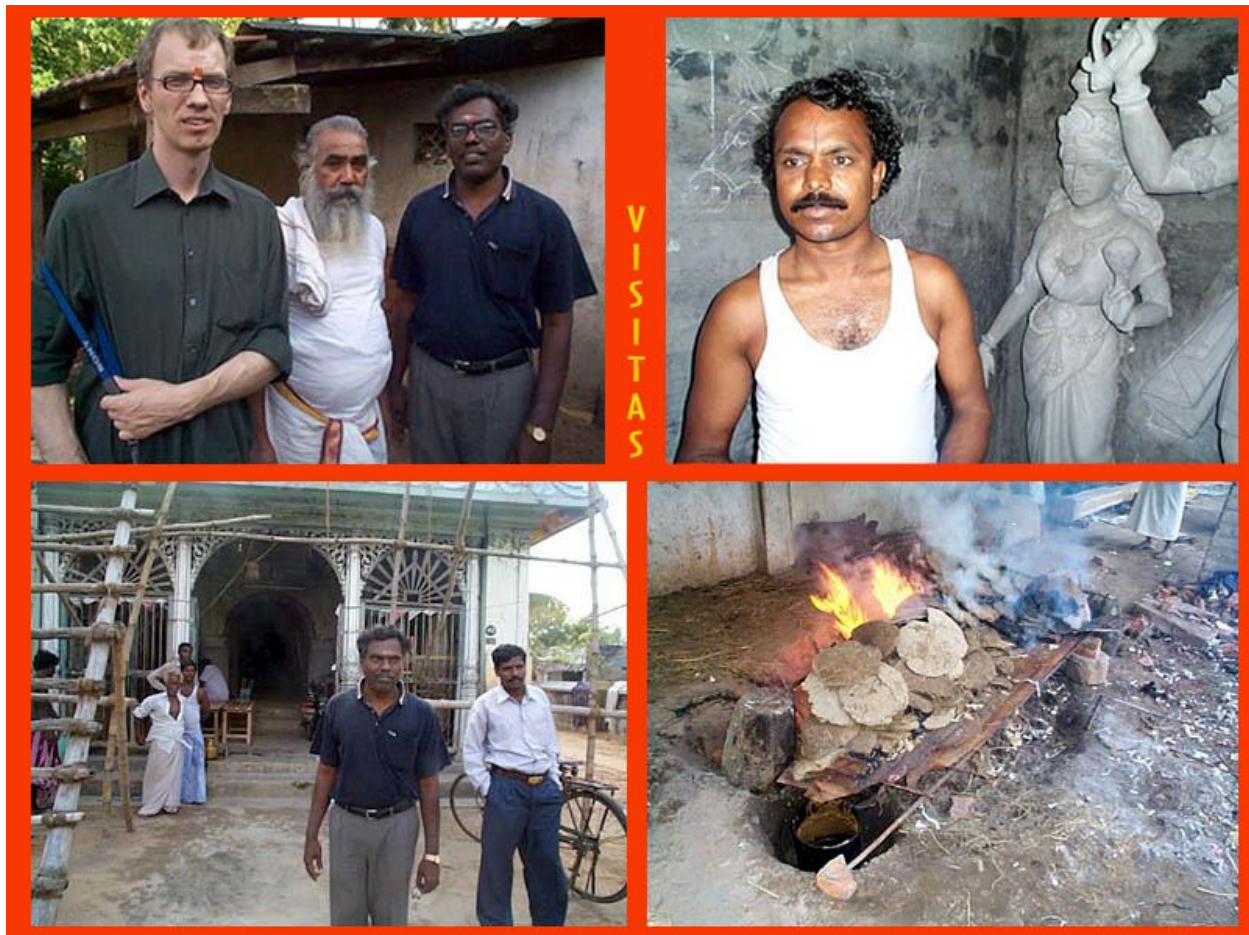
A segunda entrevista foi com a Sua Santidade Sri La Sri Kasivasi Dharumai Aadeenam, guru principal de um dos três organismos que constituem o Saiva Siddhanta (ver anexo). Seu interesse em nossa visita foi visto ao longo da entrevista que nos concedeu e em sua oferta de alojamento e mais conversas. É um dos principais líderes religiosos e políticos.

A última entrevista foi com o guru pessoal de R. Muthukumara Swamy, com quem se combinou previamente no ashram do guru. Todos os membros do ashram estavam prontos e nos esperando fora no caminho. A entrevista, organizada por eles, foi feita em inglês e contava com um fotógrafo profissional e gravadores (organizados por eles). Fizemos uma pergunta e o guru falou sem parar durante uma hora; toda uma mescla de fervor religioso, genética e física. Depois fez várias demonstrações de seus profundos estados internos, incompreensíveis para nós. Mais adiante fez imposição de mãos (enquanto estávamos parados bebendo um refresco), ao mesmo tempo que o fotógrafo tirava fotos. Havia uma pintura grande dele na parede e também pinturas de diferentes Shaktis. Todas estas deusas tinham seus peitos cobertos com uma vestimenta tipo biquini.

Entrevistas com os devotos

Isto foi uma repetição do que ocorreu na primeira semana, exceto no caso dos seguidores dos gurus “top”, esses que fazem muita propaganda dirigida aos ocidentais. Tais seguidores têm o fervor dos que tratam de convencer a outros, a diferença dos shivitas “normais” que mostram certa serenidade, alegria e inteligência em relação com sua vida devocional.

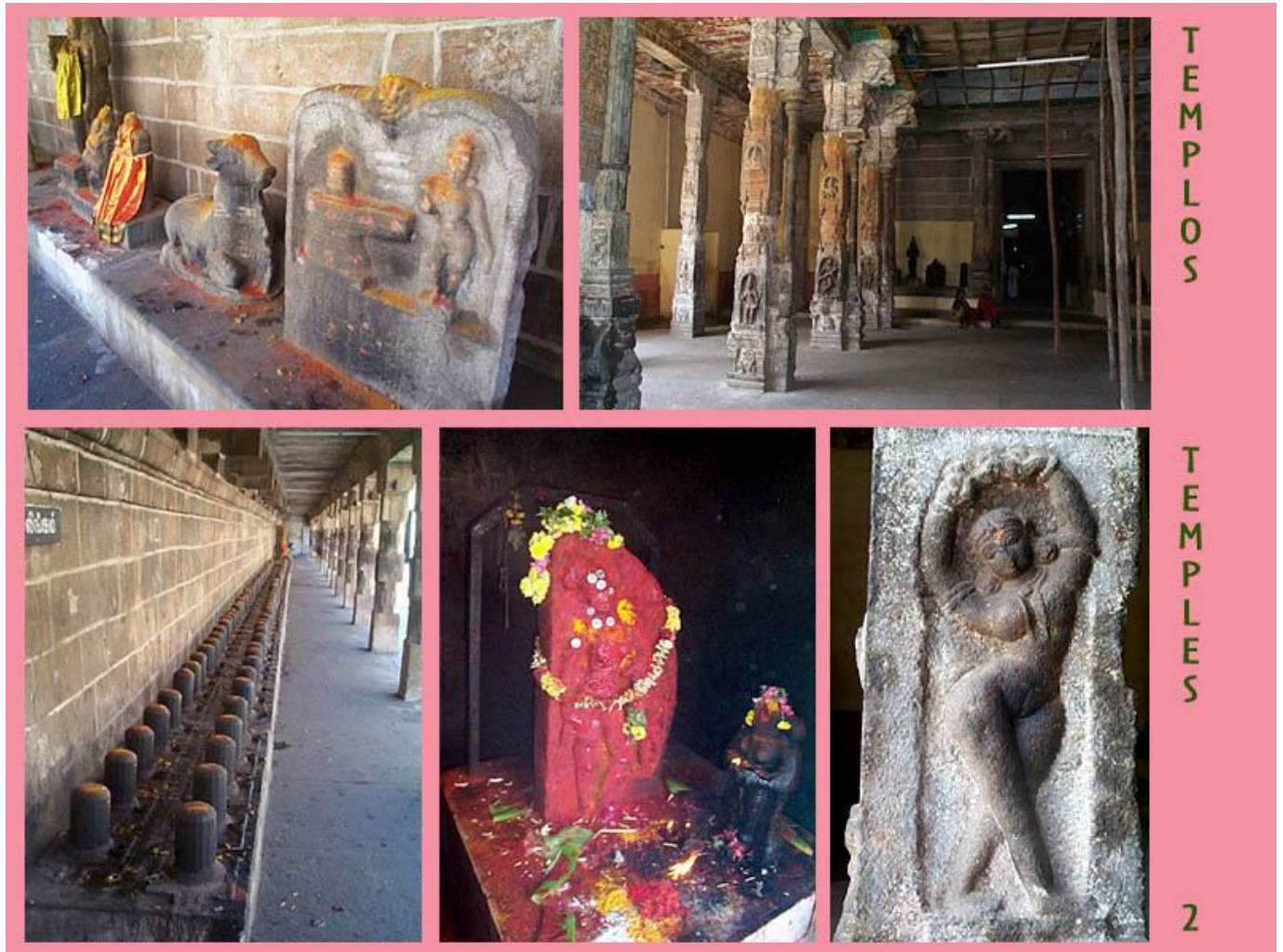
Visitas ao templo e à fundição do povoado



Tivemos a sorte de ser convidados a duas casas de devotos shivitas e nos permitiram ingressar nos templos/altares de seus lares. Trata-se de salas exclusivas que se localizam no centro da casa. Os moradores fazem suas orações de uma hora todas as manhãs, começando pelo chefe de família seguido pelos outros familiares. O ambiente está carregado de diversos ícones, flores, velas, etc. São reproduções em miniatura de templos. Levando em conta as explicações que nos deram, suas orações diárias são levadas a cabo de uma maneira científica, organizada, em que cada gesto e objeto tem sentido.

Também pudemos visitar diferentes lugares de trabalho dos Sabhati, a casta de construtores de templos e produtores de ícones. Foi muito interessante observar o processo destas pessoas, com sua organização que conta com seus próprios mestres e aprendizes e se transmitem as experiências de geração a geração através da família. Podem ser localizados ao lado dos principais templos e em dois vilarejos, ocupam amplos setores. Vimos como trabalham os ícones em metal (bronze e outros metais) e em cimento.

Visitas a templos



Chibambaram é um importante lugar de culto a Shiva, onde se encontra um dos templos dos cinco “elementos”. Neste caso, o elemento é o “éter”. Este templo é também um importante lugar de culto de Shakti e os grukals se apresentam tanto com atributos femininos como masculinos, junto com a apresentação de Shiva em sua forma andrógina. Neste templo participamos da cerimônia para experimentar a “forma sem forma” de Shiva, que consiste em reunir as pessoas em um recinto em frente ao santuário interno, com o repicar de enormes sinos de bronze e cânticos. O ruído é tremendo e grande a expectativa das pessoas. Em determinado momento, os grukals tiram um painel de madeira que cobre um lugar ao lado de Shivalingan que está cheio de ícones e em sua parte posterior há uma parede coberta com folhas de ouro. É neste espaço onde cada um deveria experimentar a forma sem forma. Isto dura um minuto, em seguida eles voltam a colocar o painel.

Antes de partir de Chidambaram tínhamos que visitar o templo de Shakti, porque segundo nosso guia de viagem não podíamos ir embora sem honrar a Shakti. Tratava-se de um templo pequeno com a deidade Shakti em diferentes formas e Naga, a serpente, como ícones principais. Ali se representa a Naga criando a Shakti e a energia desta criando aos deuses Shiva e Brahma de muitas formas. Neste lugar me produziu uma forte comoção interna que me

conectou com profundos conteúdos e o registro de estar em um espaço sagrado foi experimentado por toda a equipe.

Depois passamos pelo vale do Rio Cauvery e através de inumeráveis vilarejos. A comunidade estava em plena colheita de arroz. Esta atividade, com todas as pessoas fazendo seu trabalho, nos foi conectando com uma sensação de estar em outro tempo, mais perto do neolítico que do virtual. Nossa primeira visita foi ao vilarejo onde nasceu nosso guia de viagem, que desejava visitar o templo de sua Mãe. Foi muito interessante ver a conduta de nosso guia, que nos explicava que este templo de Shakti era o lugar onde orava sua mãe, sua avó, etc, etc, por muitas gerações. Dizia-nos que a Shakti deste templo era sua verdadeira Mãe, e que ele vinha render-lhe homenagem para A Grande Mãe que transcendia os vínculos biológicos. Neste templo, o gрукal era uma anciã e nosso guia nos explicou que, normalmente, os templos de Shakti nos vilarejos são cuidados por mulheres que servem às necessidades da comunidade, uma espécie de “psicóloga” local.

Visita ao Templo de Shakti do Mutt Dharumai Addeenam (ver anexo).

Tiruchchirappalli, uma cidade que alberga o grande Templo da Água de Shiva, era a última parada desta viagem. O templo é imenso e tem muitos altares. A novidade aqui foi ver a mulheres paradas de pé e cantando frente a estatuas de Shakti. Também observamos como os gрукals lavavam a Shakti com leite que depois caía pela lateral do altar, para ser recolhido pelas pessoas. Falamos com pessoas que participavam de uma cerimônia matrimonial e em seguida continuavam em uma procissão cerimonial levando leite a outra deidade.

Visitamos o Templo de Mariama, um importante templo, dado que cada um deveria honrar a Mãe antes de deixar uma cidade ou um povoado. Estava cheio, centenas de pessoas faziam suas oferendas. Havia montinhos de cocos, bananas, flores, fogo, por todas as partes, pessoas se curando a si mesmas no chão, pessoas completamente cobertas com cinzas. Em poucas palavras, havia de tudo. Era a mais intensa congregação de pessoas que havíamos encontrado até o momento. Apesar de que ali dentro não cabia um alfinete, o tom emotivo geral das pessoas era de concentração interna e calma.

Conclusões da Segunda Etapa

Sri-La-Sri Kasivasi Dharumai Aadeenam, o guru principal de Mutt, induziu um respeito reverencial em nossos amigos shivitas. Porém depois de suas perguntas e pelo tom geral dos homens que esperavam audiência, diríamos que é um líder político além de ser um guia espiritual.

A Saiva Siddhanta, como religião baseada em uma relação muito pessoal com deus, dá lugar a livres interpretações que se traduzem em toda classe de teorias e formas de devoção. Nenhuma das quais parece surpreender a ninguém.

Os pequenos templos de Shakti recebem, proporcionalmente, mais gente que os templos de Shiva mais importantes.

Observações Gerais

A atividade religiosa inicial era feita em cavernas onde se desenvolveu a cultura budista (1-VI século desta era). Muito depois os brahmanes levaram os templos aos vales para que se convertessem em centros visíveis de poder político e influência, em torno aos quais se formaram as principais cidades.

A “doutrina” da religião Saiva Siddhanta é uma mescla de culto à Mãe original, restos de orientação budista, domínio da influência e organização brahamânica, e a originalidade do Bhakti Yoga. Estas fases diferentes de suas trajetórias podem ser apreciadas nos arredores cavernosos das imagens mais importantes (escuros nichos de rocha, iluminados pelo fogo e com formas simbólicas), até as imagens mais externas de deuses e heróis "do mundo" (formas humanas, flora e fauna, alegorias políticas, etc).

O Bhakti Yoga é uma forma de culto devocional e contemplativo. A deidade pode variar, porém a experiência de contemplação é possível de apreciá-la nos templos na respeitosa relação das pessoas com os ícones de seus deuses, na pacífica e alegre atmosfera de seu interior, na estima da vida em geral (75% da população é vegetariana) e na alta valorização que têm o servir aos demais.

A Saiva Siddhanta é uma forma local de culto a Shiva que se concentra basicamente na etnia Tamil (70 milhões de pessoas). Pelos poucos livros publicados em outros idiomas, não parece que tenha se expandido a outros lugares.

Conversando com algumas pessoas nos templos de Shiva, as orações se repetem em sânscrito, uma língua que o povo não fala.

Nos muros dos templos de Shakti haviam orações escritas em tamil, para que as pessoas as repetissem. Por exemplo, *“Meenakshi! Venha viver dentro de meu corpo, dentro de meu coração e dentro de minha mente e acompanha-me!”*

A Saiva Siddhanta considera aos hinos e mantras como fundamentais em sua atividade devocional, porém vimos muito pouco disso.

A experiência energética original se manifesta fortemente nas representações culturais, tais como ícones, templos, vestimenta e certos valores femininos que todavia prevalecem neste povo (toda mulher é uma Grande Mãe e Deusa em potencial).

Considerações Gerais

As principais religiões do mundo têm um fundador, uma mensagem, livros sagrados, castas sacerdotais e uma forma básica de organização da qual os fiéis fazem parte. Há maneiras corretas e incorretas de pensar e atuar e tudo isso se debate e vigia estreitamente. Este não é o caso do culto a Shiva.

No culto a Shiva e Shakti há uma experiência energética fundamental, porém não há antecedentes de indivíduos em particular em suas raízes. Fala-se da experiência sagrada como experiência cultural amplamente difundida, que com o tempo foi organizada criando uma doutrina e incorporando-se nas outras formas religiosas ou escolas (brahamânica, budista, jainista) que chegaram ao sul da Índia. Trata-se de um fenômeno pré-védico, pré-budista, de uma forte religiosidade muito evidente, assim como outras formas que se somaram à cultura

local. O culto a Shiva e Shakti gerou diferentes linhas ou escolas de devoção na Índia, particularmente a Saiva Siddhanta no sul. Os budistas do sul tomaram esta experiência tântrica original e levaram-na em suas missões ao norte do país e ao Tibete (séculos I-VI desta era), criando assim um amplo movimento tântrico que influiu sobre outras formas de religiosidade no norte. Considerando que os budistas foram eliminados como força social no sul, parecia que esta experiência interna também havia desaparecido. A casta brahmânica tratou de manipular a religiosidade destes povos, colocando a Shakti como a consorte ou mulher dos principais deuses Shiva e Vishnu. Contudo, nas orações das pessoas, Shakti todavia permanece à cabeça deste panteão.

O que saiu no sul como sua forma de adoração de Shiva/Shakti é uma linha devocional e contemplativa de culto. Ainda que não seja uma ascese energética tal qual a entendemos, há certamente uma experiência interna rica e plena se são seguidos os passos e as práticas que nos explicaram.

Possível Hipótese

Nas primeiras etapas da devoção, o devoto concentra sua força de veneração e concentração na deidade e suas representações. São manifestações externas de suas representações internas. A devoção é uma abertura emotiva profunda. Esta contemplação permite aquietar seu estado interno e o aumento da contemplação e concentração pode começar a produzir um estado alterado de consciência, experimentado como experiência religiosa. Se a isto se soma a repetição interna de mantras ou os cânticos, temos uma combinação de registros em aumento com o plexo cardíaco, as vibrações internas (pela fonação) e a alteração da consciência que acabam por produzir uma comoção interna importante. Então, se esta comoção (provavelmente, transe) se dirige com a co-presença de alcançar a experiência de deus em si mesmo, é altamente possível registrar espaços internos sagrados. Assim, se tais experiências são incrementadas em etapas mais avançadas de devoção e a pessoa busca lugares de distração mínima (comunidades “satsang” ou eventualmente sozinha), poderia alcançar certos níveis de experiência interna. Obviamente, esta é só uma suposição.

No Templo da Água, este processo se manifestou ao observar os múltiplos âmbitos e o comportamento das pessoas dentro do templo. Por um lado, nos corredores e jardins havia uma atividade social distensa e multitudinária, com um montão de pessoas alegremente e ruidosamente visitando os diferentes ícones e fazendo seus votos e rituais. Porém também se podia ver nos “caminhos menos transitados”, e mais escuros dentro do labirinto do templo, os devotos totalmente concentrados em sua prática espiritual, inconsciente de todos os demais.

Este processo está estruturado aqui como uma hipótese e seria muito interessante poder aprofundar em sua experiência religiosa.

Conclusões finais

O objetivo da investigação era ver se todavia existia hoje a experiência fundamental no sul da Índia, entendendo isto como uma ascese organizada. Ao longo do tempo da investigação, se comprovou que se há experiência interna fundamental hoje em dia, está bem oculta para nós, é desconhecida ou não se fala dela. Em outras palavras, não podemos verificar sua existência.

Ao mesmo tempo, o que se tornou evidente para nós foi que estávamos frente a uma cultura baseada inteiramente na experiência energética interna. O que se converteu em nosso maior interesse foi ver como uma cultura podia continuar transmitindo os códigos de uma profunda experiência original depois de milhares de anos. A investigação permitiu observar como tudo relativo às representações artísticas e religiosas, as formas de experiência devocional das pessoas, suas aspirações e costumes, a complexidade interna e o trato pessoal, falavam de certa sensibilidade interna que poderia ser sintetizada como pacífica, respeitosa e com um profundo sentimento religioso vivente.

Anexo Arquivo Pongal

Festival Pongal (colheita de arroz)

14 a 16 janeiro - Tamil Nadu

Estas são notas tomadas de uma conversa com dois amigos em Madras, um cristão e o outro hindu.

Este festival é um dos festivais mais importantes do Sul. A palavra 'pongall' significa "transbordar-se ou derramar-se", como o que ocorre na panela quando se cozinha o arroz e como a vida deveria ser, algo que "transborda" o que o contém. O festival dura três dias:

O primeiro dia se chama "Kami Pongal", que significa "ver". Este dia todo mundo limpa sua casa e são branqueadas as paredes. Tudo o que é velho e já não útil é jogado fora e é feito um grande fogo. A limpeza e o fogo são para "limpar o coração e ver a realidade com maior clareza". Neste dia as meninas podem passear livremente e fazer o que querem.

Em Madras fazem um grande incêndio com 2000 litros de "ghee" (manteiga) e uma pavio de 30 metros de diâmetro. O fogo é construído sobre a colina mais alta e continua por três dias. Mais de um milhão de pessoas participam no ato de acender o pavio.

O segundo dia é para agradecer pela colheita e para todos os micro-organismos e todas as coisas (a terra, os insetos, etc) que deram sua vida para produzir arroz. O arroz é cozido e enquanto se cozinha transborda a panela. Há panelas especiais, ou as pessoas dedicam suas panelas a Shiva, pelo que este transbordamento provém de Shiva. Este "transbordamento" ou "leite de arroz" é o símbolo da abundância da vida.



Pessoas cozinhando "arroz pongal" em um templo com as panelas decoradas como Shiva.

O terceiro dia é para honrar aos touros. Para honrar aos touros, são banhados, são pintados e decorados com flores, etc. Depois desfilam pelas ruas da cidade. O touro maior e com mais vitalidade é eleito e solto para que corra pelas ruas livremente. Todos os homens que se sentem "fortes como touros e muito valentes" tratam de saltar e montar sobre o touro, controlando-o com seus chifres.

Reflexão: Com o fogo / os touros / o montar os touros / a liberdade para as meninas / cerimônias e celebrações ... esta descrição parece que poderia ser de um festival em Creta também.

Anexo Entrevistas

Entrevista com Dr. Krishnam - Chennai

(Entrevista com Dr. Krishnam, Diretor de estudos sobre Saiva Siddhanta da Universidade de Madras. Presentes na entrevista: H., Raghavan, Dr. Krishnam e K.)

Esta conversa foi organizada por Raghavan, que explicou ao Dr. Krishnam que nós estávamos visitando membros do Movimento Humanista e investigando sobre religiões importantes e experiências religiosas pessoais na Índia. O Dr. Krishnam nos brindou todo seu tempo e nos pediu que voltássemos antes de partir da Índia. A entrevista durou duas horas.

Para começar lhe explicamos que estávamos interessados na religião do Shivaísmo, sobre a qual havíamos lido diversos documentos, visitado templos e falado com pessoas. Como ocidentais nos encontramos com coisas difíceis de entender. De maneira que não éramos especialistas, mas sim pessoas interessadas nestes temas, principalmente desde o ponto de vista da experiência pessoal.

A seguir vai um resumo das respostas dadas. A conversa foi muito ativa com muitas perguntas e respostas indo e vindo. As respostas do Dr. Krishnam foram reconstituídas sobre a base das notas de K e H.

K.: Poderia nos explicar as ideias básicas do Saivismo e quais são as diferenças importantes desenvolvidas por Saiva Siddhanta?

Dr. K.: Existem quatro escolas de Saivismo: Kashmir, Saiva Advaita, Vira Saivisha e Saiva Siddhanta. A escola Kashmir está no Norte e a escola Vira em Karnataka e Banglores (Sul). A escola Advaita é uma escola filosófica dedicada à busca da verdade mediante a sabedoria e o conhecimento.

A escola Saiva Siddhanta se baseia nos Agamas ou Tantras que totalizam 28 e estão em Dravidian. Esta escola utiliza os 28 Agamas junto com a experiência dos santos tameses, que são 63, quatro dos quais são os mais destacados. Os dois primeiros viveram no século VII, um no século VIII e o último no século IX. A partir desta escola se inicia Bhakti, uma linha devocional de Shiva. Trabalha por via da emoção para se converter em deus, para achar a verdade. Foi influenciada pelas ideias de Gita e dos Vedas, porém observa as sagradas escrituras Agamas.

Cada Agama ou Tantra se divide em quatro partes.

A primeira delas tem a ver com a veneração de ídolos, e considera que é muito difícil para a mente apreender a imagem abstrata de deus. Portanto é necessário configurar uma imagem que sirva de ponte com deus. Em tal sentido, o ídolo serve de ponte entre a pessoa e deus. A deus se venera no templo, a imagem é deus.

Na segunda etapa cada um pode perceber a deus sem forma através da forma. Nesta etapa cada um vai mais além do ídolo, ou forma, e encontra a deus. Se o devoto vem ao templo todos os dias, lentamente e com o correr do tempo a concentração sobre a imagem vai mais além do ícone. Se o devoto tem a necessidade real e sincera de achar a deus, poderá ir mais além da forma e encontrar a deus sem forma que está em todas as partes.

A terceira etapa é a do Yoga. Para esta etapa não é necessário continuar indo ao templo. Existe a compreensão, fundada na experiência, de que deus está dentro, de que cada um pode ver a deus dentro de si. Trata-se de um desenvolvimento que procede naturalmente com maior devoção e maior concentração.

A quarta etapa é a de Jnana, a do conhecimento. Aqui é onde o devoto vê a deus dentro e fora. Deus está em as todas partes. Esta etapa só se pode alcançar pela graça de deus.

K: Por que emprega a palavra “ver” quando se refere à experiência?

Dr.K: Significa ver internamente, intuir, perceber a Deus.

K: Como se sabe em que etapa está cada um?

Dr.K: O desenvolvimento depende da maturidade da pessoa. Se alguém é inteligente irá ao templo, se e mais inteligente irá mais além do ícone, e se é realmente inteligente abandonará o templo porque já tem a experiência de deus dentro de si. E na quarta etapa é quando se tem o máximo de inteligência.

Na terceira etapa a pessoa demonstra amor e compaixão. Isto é sentido pelos demais, é reconhecível. Ocorre automaticamente com a experiência de deus. Na terceira etapa, deus todavia tem forma, se vê a deus no mundo. Um de nossos santos diz: deus é basicamente sem forma e sem nome, porém lhe damos 1.000 nomes e lhe celebremos!

K: Quem ajuda a pessoa em seus avanços? Os sacerdotes?

Dr.K: Não, os sacerdotes não fazem nada. Esta é uma relação pessoal, cada qual com seu deus. Cada um é guiado por suas próprias perguntas, as quais têm que se fazer de forma experimental. Perguntas devocionais: Sou feliz com minha vida? O que estou fazendo com minha vida se não sou feliz com este mundo e quero buscar algo diferente? Etc. Cada um tem que se preparar e tal coisa se leva a cabo se fazendo estas perguntas. Mediante a devoção cada um vai se preparando. O homem ordinário crê que faz tudo, enquanto que o homem inteligente sabe que deus é o que faz tudo.

K: O progresso interno é algo que cada um constrói ou o objetivo de cada pessoa é uma experiência de êxtase?

Dr.K: Trata-se de um processo natural e também sobre a experiência de êxtase. Quando alguém encontra a deus, se tal coisa ocorre, necessita celebrar, dançar e cantar. A experiência de deus dá infinita energia e necessitamos celebrá-lo!

K: Poderia nos explicar o que quer dizer quando fala de Tantra?

Dr.K: Tantra significa “caminho”. Esta é uma linha de trabalho que não foi aceita pelos Vedas. Aqui nos encontramos com duas atitudes. Na escola Saiva Siddhanta experimentamos as coisas mundanas, disfrutamos do prazer e deste modo alcançamos a divindade. O caminho de Saiva não tem a ver com renunciar ao mundo. A ideia é passar pelas experiências e sair conhecendo a deus. Não renunciamos a nada... se pode beber ou que cada um quiser.

Atende-se à experiência, se passa por ela sai dela. Cada um tem que centrar a mente em deus e nada ha de ser negado.

Mantenhamo-nos conscientes. Não temos que estar brigando ou lutando contra o mundo, estamos conscientes e não nos deixamos seduzir. O estar conscientes é algo natural... Estou falando com vocês e também escutando aos pássaros de fora. Atendo à experiência.

A outra atitude é a dos budistas e jainistas. A atitude dos budistas é negar o mundo. Não se deixam seduzir, graças à força da mente, ao conhecimento. Trata-se de outra linha de trabalho. Nossa atenção não está concentrada como a dos budistas. Nosso estar conscientes é atenção simultânea. Quando atendes simultaneamente ao mundo tua mente se silencia.

Quando sentes a deus em todas as partes, naturalmente perdes interesse em algumas coisas.

K: Vão ao bosque os santos de Saiva Siddhanta?

Dr.K: Todos eles, exceto um, se casaram, disfrutaram da vida. Nós não renunciamos nada... simplesmente perdemos interesse em alguns prazeres. É natural. Um santo não renuncia ao

mundo, forma uma Satsang, uma comunidade da verdade. Isto significa que tem pessoas que se reúnem em torno a este santo porque sentem sua iluminação.

K: Há santos atualmente?

Dr.K: Talvez existam. Não sei. Os gurus sabem sobre os Tantras de Siva, porém são difíceis de encontrar... Não sei se existem.

O tema não é o guru, mas sim o que quero fazer com minha vida. O guru virá, interna ou externamente. Não é importante se o guru é interno ou externo, com ou sem forma. As perguntas e buscas sinceras sempre encontrarão respostas. Há um ditado que diz que o guru encontrará ao buscador... nunca se sabe quem será.

K: Li que os yantras, mudras e mantras têm relação com o Tantra. Poderia explicar isto?

Dr.K: Sim, no Tantra podem ser utilizados todos eles. Trata-se de palavras divinas que criam vibrações e mudam a química corporal. A forma de pensar e sentir de uma pessoa tem a ver com a química de seu corpo. Os mantras podem transformar o mal em bom. Tem que se pronunciar corretamente e para ensinar isto se necessita um guru. Os yantras são formas geométricas que têm a capacidade de capturar la energia divina. São utilizados para se energizar a si mesmo. Nos templos há um yantra debaixo de cada ícone.

K: As pessoas sabem disso?

Dr.K: Não, só os construtores de templos conhecem o tema. Trata-se de uma casta que transmite seu conhecimento de geração em geração. Os construtores de templos são os que dominam os Agamas.

K: O que é o mais importante para um devoto saivita a fim de aperfeiçoar-se?

Dr.K: O amor é o mais importante. O amor a Deus. A pessoa que ama a Deus amará a todos. Segundo cresça o amor, crescerá a sabedoria. Só as pessoas que amam podem ser muito sábias. A sabedoria consiste em saber como eliminar obstáculos que evitem amar a outros. Também o amor é algo simples, todos estão capacitados para amar.

K: Como se relaciona o saivismo com o mundo de hoje?

Dr.K: Atualmente muita gente não entende o espírito. Acreditam que por ir ao templo vão resolver problemas pessoais. Estão motivados pelas realizações. Competem com outros e isto gera violência.

K: Qual é a raiz da violência?

Dr.K: O "eu", o mim mesmo, minha família, minha religião. Tudo isso é egoísmo. Creio que sou importante e o mundo se reduz a minhas coisas. O indicador de que alguém ama a outros é a generosidade. Amar é compartilhar. A generosidade é o indicador.

K: Por que crê que nasceu uma nova escola de saivismo em Tamil Nadu?

Dr.K: A cultura dravidiana sempre teve dois temas importantes: o amor e a guerra. No século I os budistas e jainistas vieram a Tamil Nadu. Antes deles, existia uma espécie de deus como Shiva, mas sem nome.

K: E a deusa ou grande mãe?

Dr.K: Sim, também havia alguns ídolos da deusa ou grande mãe. Quando chegaram os budistas e jainistas organizaram religiões, tinham líderes, sagradas escrituras e aqui não havia nada. De maneira que as pessoas adotaram essas formas. Porém eles eram estrangeiros e não tinham deus. Pregavam o conhecimento, mas sem deus nem amor. Os tameses valorizam o amor. No século VII, quando chegaram os santos do shivaismo, tinham a seu deus Shiva, que

era similar ao deus original, Sakti. Desta forma, Shiva tornou-se o nome do deus original dos tameses. Como o shivaísmo falava de deus, admitiu-se facilmente. Assim, as pessoas reconheceram isso e se formou todo um movimento massivo. Então desapareceram o budismo e o jainismo porque se tornaram religiões contraditórias para as pessoas. De forma tal que a corrente Saiva Siddhanta foi crescendo frente à pressão do budismo e do jainismo. Vinha da tradição védica e se uniu à tradição brahmânica para lutar contra a influência do budismo e do jainismo. Outra das condições favoráveis foi que os sivaístas falavam o dialecto local, enquanto que as escrituras do budismo e do jainismo estão em sânscrito. Algumas pessoas afirmam que o culto a Siva tem sua origem no sul da Índia.

K: A devoção a Sakti através de Parvati ou Meenatchi, a família, tem a ver com o valor do amor do povo tamil?

Dr.K: Sim, Shiva e Parvati têm a ver com a tradição védica. Os brahmanes sempre incluíram a deus. O vishnuismo também celebra o amor.

Nossas últimas perguntas foram sobre as pessoas, lugares e livros que seriam interessante conhecer. Colocamos de manifesto que ele já nos havia dado toda a informação que necessitávamos e que agora nos interessava falar sobre a experiência das pessoas. Assim, derivou para um acadêmico do idioma tamil, ortodoxo e devoto saivita, que também conheceria a outros. Também nos indicou onde adquirir os poucos livros que existem em inglês da escola Saiva Siddhanta. Por sua vez, os donos dessa livraria se ofereceram para nos colocar em contato com devotos saivistas. Além disso, ofereceram fotocopiar os Tantras importantes que estão traduzidos ao inglês e que se encontram esgotados atualmente.

Entrevista con R. Muthukumara Swamy - Chennai

(Notas sintéticas tomadas na primeira conversa com R. Muthakumara Swarni, Diretor Gerente da editoria The South India Saiva Siddhantha Works Publishing Society. Estavam presentes H. e K. Fomos muito bem tratados e convidados a um café.)

K.: Poderia nos explicar sobre Saiva Siddhanta e a experiência interna?

M.: Se observamos o Saivismo, vemos três aspectos a considerar: os rituais, os sacrifícios (puja) e o desenvolvimento da mente (yoga). O yoga se ocupa da experiência interna relativa à mente. O jnana (conhecimento) só se pode alcançar através do yoga. Por sua vez, o Saivan é um modo de relação pessoal com o Buda, com o Lingham que está em nós. Por outra parte, o mantra é uma forma de culto Saivam, de veneração interna, que se canta durante 15 minutos todos os dias. O nível mais alto de desenvolvimento compreende duas a três horas diárias de cantos e orações.

K.: Quem são e onde estão os Yogues que se dedicam ao Yoga?

M.: Os Yogues são os que estão na etapa mais alta do caminho de Shidda. Eles estão capacitados para converter ar em alimento. Nunca mal-gastam a energia. Não falam. Só se pode encontrá-los nas montanhas ou no bosque, onde preferem ir porque ali não há distrações. Sua filosofia é muito elaborada e de seus corpos emana um perfume resultante de seus trabalhos elevados.

A pessoa que queira se dedicar ao Yoga terá que se concentrar apenas nisso. Será iniciado por seu guru ao começar com estes trabalhos e mais adiante em repetidas ocasiões durante

muitos anos de acordo com as diferentes etapas de seu processo. É muito raro que um Yogue fale sobre sua experiência pessoal. Excepcionalmente falam. Há um livro que é a autobiografia de um Yogue, onde ele explica detalhadamente suas experiências. Porém isto é algo muito raro.

O caminho do Yoga é de não apego. São deixados os sentidos um por um. São deixados todos os apegos, inclusive o apego a Deus. Só então e através do não apego se pode alcançar a realização. Em determinado momento a pessoa não se interessa em fazer práticas e corta contato com os demais. Inclusive se deveria deixar de lado o afeto por Deus. É necessário sustentar-se por si mesmo, sem depender de nada.

K.: Se alguém busca o estar só e a não-dependência, como se explica a Satsang?

M.: A Satsang ajuda como âmbito, já que se a pessoa não tem um lugar que lhe sirva de apoio é perturbado por muitas coisas. O interesse da Satsang é ir orar; a pessoa está aí e se concentra. Funciona como um cerco onde compartilho com outros a mesma ação, a mesma visão.

Porém a pessoa não pode se deter na Satsang, que é útil como primeiro passo. Há outros passos. O segundo é a solidão, e unicamente são feitos intercâmbios ocasionais com outros que estão na mesma situação. Aqui estão os mestres e muitas perguntas podem ser respondidas apenas pelos mestres. Também há muitos falsos mestres. Em Tiromool há um grande salão para orar, um grande templo, famoso por seus mestres. Está no estado de Kerala e ali oram pela Deusa Ooma.

K.: Como se pode encontrar um guru?

M.: É muito difícil. Estão os Mutts religiosos, a Satsang, porém ali não pode se encontrar um guru. Está mais dedicado à organização.

Eu tenho um guru. Pertenceu à Força Aérea em seu momento. Eu integro um pequeno grupo de gente onde este guru nos ensina. Nos reunimos em um ambiente muito relaxado, cantamos hinos durante 30 minutos e depois ele nos dá lições, práticas, iniciação. Escreveu uns 5 ou 6 livros. Tem ao redor de 60 anos e leva meditando de 15 a 20 anos. Demonstra seus avanços flutuando sobre a água (mostra fotos do personagem flutuando sobre a água).

K.: Seria possível ter fotocópias dos Agamas e Tantras?

M.: Não é possível porque dos 18 Tantras, apenas 3 foram traduzidos ao Tâmil e destes há uma breve tradução ao francês que está na biblioteca de Ponchicherry. Há alguns sutras de um dos Tantras traduzidos ao inglês e desses sim se podem fazer fotocópias. Os Tantras de Saivan Siddhanta foram escritos em Granta e mais tarde se traduziram ao Nagru. Apenas uns poucos foram traduzidos ao Tâmil. Os franceses publicaram o escrito em Nagra.

Vou combinar uma entrevista para que possam ver a meu guru no sábado de manhã.

Entrevista com Sri-La-Sri Kasivasi Dharumai Aadeenam - Mutt Dharumai Aadeenam

(Viajantes: Raghavan, H., cunhado de Raghavan, K. e o motorista.

Visita ao Mutt Dharumai Aadeenam, situado no povoado de Mailaduthuraivia em Tamil Nadu. Este é um dos três Mutts que compreende a organização da religião Saiva Shiddhanta. O Mutt é um recinto amplo que inclui templos, a “satsang”, arquivos, escolas, universidade, hospital, atividades agrícolas e a residência do Guru. Foi fundado faz uns 800 anos e desde então tem sido a residência do Guru da época.

Chegamos ao Mutt ao redor das 4 da tarde e sem ser anunciados. Sem saber porque, um monge nos indicou que fôssemos imediatamente a outra parte do Mutt onde Sua Santidad Sri-La-Sri Kasivasi Dharumai Aadeenam havia começado seu ritual oratório diário. Nos apressamos e chegamos a um templo cuja primeira câmara contém dois altares, um com o Shivalingam e o outro, em um ângulo reto, a Shakti-Parvati. Sua Santidade está dirigindo as orações diárias com 3 ou 4 monges, 3 músicos e nós que nos incorporamos por trás dos monges. Somos aceitos, observamos os rituais e recebemos as cinzas sagradas. Em seguida, S.S. passa a outra sala muito grande onde no meio há uma enorme estátua de Shakti sobre uma plataforma elevada, fitas de cores e telas que rodeiam a base, e mais além para os lados, duas vacas. S.S. faz os rituais com Shakti, nos passa as cinzas e folhas sagradas e oferece bananas às vacas. Depois, nos vamos do edifício para uma pequena rua pavimentada onde S.S. se detém diante de duas enormes portas. Abrem-se as portas e aparece um elefante todo pintado e vestido de cerimônia que começa a berrar. S.S. faz outra ronda de rituais, com a gente incluídos, e oferece bananas ao elefante. Depois voltamos à sala inicial onde Shivaligam é banhado com leite, e outro tanto com Shakti, e volta a vesti-los e mais cinzas sagradas. Uma vez terminado tudo isto, seguimos a S.S. e seu séquito a seus aposentos, atrás da biblioteca central. Enquanto vamos caminhando lhe dizem a S.S. que nós queríamos uma audiência e ele responde que sim nos pode receber.

Levam-nos a uma sala de reuniões, onde há pequenos escritórios e homens sentados, falando e escrevendo, e outros esperando uma audiência. Antes, esta sala era a antecâmara, com pinturas de antigos gurus e objetos sagrados. Aos aposentos de S.S. se ingressa através desta sala e há mais homens esperando para ser recebidos.

Ao ingressar na sala de reuniões nos oferecem uma pequena almofada para sentarmos. Em seguida, S.S. me envia uma laranja em uma bandeja, e somos convidados a passar à biblioteca. Ali nos mostram todos os livros que há em inglês. Os dois encarregados da biblioteca estão muito emocionados com nossa presença. Mostram uma lista de todos os livros em inglês, a qual cobre uma ampla variedade de temas, especialmente de ciência e religiões comparadas. Voltamos à sala e esperamos. Pedi para usar o banheiro, o qual era todo um problema porque não tinham para mulheres. Enviaram-me à universidade onde alunas e alunos estavam em aula. Os professores eram monges. Depois de uma hora e meia de espera, nos concederam a entrevista.

Entrevista

Havíamos preparado duas perguntas porque não sabíamos quanto tempo nos concederiam e uns 10 minutos parecia o mais provável. S.S. nos recebeu em seus aposentos e escritório. Estava sentado em seu escritório e nos convidou a nos sentar sobre uma almofada no chão, onde seu tradutor se sentou também. Apenas entramos, Raghavan nos disse que fizéssemos

tudo o que ele fizesse. De modo que quando beijou o chão fizemos o mesmo. Também havia diversas pessoas nos cantos, um pouco escondidas atrás das estantes de livros, olhando e disfrutando tudo isso. A medida que se passava o tempo, mais gente chegava e, quando terminamos, toda as pessoas que estavam esperando fora havia se amontado na entrada para olhar.

A audiência durou uma hora e vinte minutos. Estávamos todos sentados na almofada e S.S. tinha seu próprio tradutor sentado atrás de Raghavan, que era nosso tradutor. Raghavan fez um longo preâmbulo em tamil sobre quem era K. e porque estava ali. As únicas palavras que entendemos foram “Ghandi” e “Krishnam” (o acadêmico da Universidade de Madras).

S.S.: Por que vocês não trouxeram como tradutores a filósofos e acadêmicos?

K.: Viemos com perguntas sobre a experiência pessoal, e para isso vim com meus amigos. (Isto deu lugar a uma longa conversa entre S.S., R. e o tradutor.)

K.: O culto a Shiva é muito antigo e a Saivan Siddhanta é uma religião também muito antiga e poderosa. Falamos com muita gente e pressentimos que há bastante a aprender sobre a experiência interna aqui em Tamil Nadu. Vimos que o devoto aplica a devoção a si mesmo e se dedica a alcançar avanços para sua liberação. Também, pela Graça de Deus, cada um pode ter outra classe de experiências. Qual é a experiência interna que um devoto aspira ter?

S.S.: Essa experiência é indescritível. Sem a experiência não se pode falar dela.

K.: O que é o mais importante que um devoto pode fazer para se aperfeiçoar?

S.S.: Os passos da perfeição são sete: 1. Abandonar todos os objetos mundanos; 2. Comer só verduras e frutas; 3. Limpar o corpo; 4. Limpar a mente; 5. Dedicar-se a manter o Bhakti no Yoga; 6. Concentrar a mente em Deus mediante a devoção; 7. Alcançar a Deus.

K.: Como poderia entender o Yoga?

S.S.: Yoga consiste em concentrar a mente em Deus. Só se deve pensar em Deus.

K.: Como se pode manter a concentração em Deus? (Responde o tradutor, que não traduziu a pergunta: “É automático. Se você ora e consagra a Deus, automaticamente sua atenção permanecerá sempre nisso.”)

K.: Eu gostaria de me concentrar, mas minha mente vaga. Como se pratica a atenção simples e simultânea da qual nos falou?

S.S.: (Entendeu a pergunta, que foi traduzida, mas não a respondeu).

A partir deste momento, S.S. começou com uma série de perguntas sobre minha situação pessoal: Tem filhos? Que idade tem? Onde nasceu? Em que estado? Em que cidade? Quantas pessoas vivem ali? Quantas pessoas viviam ali quando nasceu?

K.: (Respostas).

S.S.: Na Índia a maioria das pessoas vive em povoados. Os acadêmicos, doutores, todos vivem em algum povoado. Índia é um vilarejo. Muitos trabalham nas cidades mas vivem em vilarejos. Em teu país as pessoas vivem na cidade e vai trabalhar em um vilarejo. É o oposto.

S.S.: (Mais perguntas). São de prata teus brincos? Como se chamam? As mulheres de teu país sempre usam brincos assim? Usa pulseiras? Colares? Tornozeleiras? Brincos no nariz? Depois pediu para ver meu perfil.

K.: (Respostas).

S.S.: A mulher sempre deveria usar ouro na parte superior do corpo e prata na inferior. Se tem orifícios nas orelhas e no nariz, o ouro ingressa no corpo quando toma banho e te purifica. Os orifícios da orelha ajudam a vista e os do nariz a respiração. Isto influi sobre as qualidades da pessoa. São como os orifícios da acupuntura. Os gestos que se fazem ao orar para Ganesh (golpear a testa e as bochechas) ativam os nervos. Há 72.000 nervos no corpo. Tudo isto é muito saudável para tua saúde. Deveria usar ouro e diamantes. Tu és como uma mulher indiana... teus gestos, tua forma de falar, teu tom de voz e teu rosto, teus conhecimentos e perguntas. O que faz teu marido? O que faz teu filho?

Esta conversa era muito relaxada e K. fez uma piada que S.S. gostou muito. Mais e mais ia enchendo os cantos. S.S. a estava passando muito bem. Seu tradutor me disse que Shiva nos havia enviado e que estavam se perguntando o porquê.

S.S.: Pertence a um partido político? Tem influência política?

K.: Sou membro de um partido político muito pequeno que não exerce nenhuma influência, porém que permite às pessoas expor suas opiniões.

S.S.: O que pensa da Índia? O que pensa dos indianos comparados com teu povo?

K.: Eu gosto muito da Índia. É um país onde se podem sentir os milhares de anos de cultura atuando sobre as pessoas e fazendo avançar o país. Meu país tem uma história muito curta. A pessoas têm uma grande necessidade interna de sentido.

S.S.: O que pensa dos indianos que vivem na pobreza em comparação com teu povo?

K.: Creio que ainda que há condições de muita pobreza na Índia, as pessoas têm mais dignidade individualmente e como povo que em meu país.

S.S.: O que pensa do 11 de setembro, das Torres Gêmeas?

K.: Não foi uma surpresa, porém igualmente foi horroroso.

S.S.: O que pensa do terrorismo? Como se pode deter?

K.: O terrorismo é uma forma de violência que continuará crescendo. Está em todas as partes. Não sei como se possa deter, mas ao menos há coisas que se requer fazer e que poderiam ajudar. EUA devem retirar suas tropas e bases de territórios estrangeiros. Isto diminuiria certas tensões. As Nações Unidas são uma instituição hoje desprestigiada, mas é a única organizada para iniciar conversas e a comunicação entre os países. Isto poderia ser revitalizado.

S.S.: Os políticos são sujos e cobiceiros e não vão permitir que as pessoas vivam com a consciência tranquila. Estão destruindo as pessoas moralmente. Índia ganhou sua independência em 1947, mas o povo não rege seu destino, não tem disciplina para isso e então as coisas não funcionam. O que pensa de Bush?

K.: Não é um homem inteligente e não está interessado no diálogo com outras culturas.

S.S.: O que pensa de Clinton?

K.: Mais ou menos o mesmo que de Bush, mas ele jogava mais à "hollywood" e tratou de incrementar o diálogo.

K.: Mas, por favor, S.S., eu vim de muito longe para fazer perguntas ao senhor... (risos)

K.: Como é possível que depois de 3.000 anos de desenvolvimento religioso, só 50 anos de independência política possam destruir tudo?

S.S.: Uma pequena porção de veneno pode destruir tudo. Estamos construindo boas qualidades pouco a pouco, e tudo pode ser destruído em um só dia. Leva muito tempo levantar

uma montanha, passo a passo, porém pode cair em um abismo em um segundo. Hoje as pessoas são más. Levará tempo mudar.

K.: Porém, com milhares de anos de desenvolvimento...

S.S.: Houve um momento nos anos 50 quando os partidos políticos começaram a dizer que Deus não existia. Essas pessoas se vestiam de negro e visitavam os povoados dizendo que Deus não existia e que o importante era a política. Naqueles momentos, em um dos vilarejos, havia um homem chamado P.T. Rajan que começou a levar el ícone de lyappa de povoado em povoado cantando odes a Vishnu. Os seguidores de Vishnu também vestiam o dhoti negro. Muita gente que não sabia sobre Deus começou a rezar de novo, inclusive os bêbados. Desta maneira, com a confusão da cor negra, as coisas se equilibraram novamente na comunidade.

K.: Dado o contexto de toda a situação da qual falamos, acredita o senhor que as pessoas deveriam se dedicar às boas ações ou a meditar?

S.S.: Nós não podemos lutar contra estes grandes processos. Deus mesmo selecionará a algumas pessoas para que se desfaça destas coisas malignas e as boas qualidades florescerão novamente na comunidade. Creio que alguém será selecionado por Deus para ajudar a que cresçam as boas qualidades.

Depois da entrevista, S.S. nos presenteou com frutas, livros, flores, etc. Pedi para tirar uma foto. Teve uma longa conversa com Raghavan e seu tradutor, a qual não foi traduzida. Agradei por sua generosidade e partimos. Depois de ir nos demos conta que uma parte da sala estava cheia com as pessoas que inicialmente se encontravam fora.

Enquanto íamos no carro, Raghavan me comenta que havíamos sido convidados a passar a noite ali para acompanhar a S.S. a outro templo no dia seguinte. Raghavan lhes disse que não podíamos, de maneira que S.S. combinou para que visitássemos seu templo Shakti que estava a 30 minutos dali, onde os monges estariam esperando por nós. Quando chegamos, nos fizemos uma visita especial, realizaram cerimônias especiais para nós em um santuário interior com música, tambores, e entregaram a K. a tela cerimonial e ataram outra na cabeça de H., o que simbolizava ser aceitos como devotos de Shakti. Antes de partir nos levaram a beijar o solo diante de Shakti, e depois os monges nos serviram o jantar. Tudo terminou às 10 da noite.

Bibliografía conseguida

- Arunachalam, M. Guru Jnana Sambandha, The Philophy Inspired by Madurai, Dharmapuram, India, 1981.
- Arunachalam, M. The Saivagamas. Ganghi Vidyalayam Tiruchitrambalam, India, 1983
- Chakravarti, Chintaharan, Tantras Studies on their Religion and Literature. Punthi Pustak, Calcutta, India, 1972.
- Champakalakshmi, R., The Hindu Temple. Lustre Press, New Delhi, India, 2001.
- Dyczkowski, Mark. The Canon of the Saivagama and Kubjika Tantras of the Western Kaula Tradition. State University of New York, Albany, N.Y., 1988.
- Eliade, Mircea, Yoga, Immortality and Freedom. Princton University Press, N.Y., 1990.
- Eliade, Mircea, Patanjali and Yoga. Schocken Books, New York, 1969.
- Hosington, H. R., The Asaiva Siddhanta Sutras and Commentary (13th Century). Publishing Dharmapura Adhinam, Mayuram, South India, 1978.
- Mumford, Jonn, El Yoga Sexual. Editorial Grijalbo S.A., Mexico, 1999.
- Mutt and Temples, Dharmapuram Adhinan. Adhinam Publishing, India, 1984.
- Nallaswami Pillai, J.M., Studies in Saiva Siddhanta. The South India Saiva Siddhanta Works Publishing Society, Madras, India, 1984.
- Rajam, S., Periapuranam in Pictures. International Society for the Investigation of Ancient Civilizations, Madras, India.
- Rawson, Philip, The Art of Tanta. Thames and Hudson, London, 1973.
- Renfrew Brooks, Douglas, The Secret of the Three Cities, An Introduction to Hindu Sakta Tantriam. The University of Chicago Press, Chicago. 1990.
- Refrew Brooks, Douglas, Auspicious Wisdom. The Texts and Traditions of Sricidya Saklta Tantrism in South India. State University of New York Press. Albany, N.Y., 1992.
- Schomerus, H.W., Saiva Siddhanta An Indian School of Mystical Thought. Motilal Banarsidass Publishers, Delhi, India, 2000.
- Sekkizhaar Adi-Podi T. N. Ramachandran, Saiva Siddhantam, An Explication and assessment By Scholars The World Over, Volume One., Dharmapura Adhinam, Tamil Nadu, India, 1984.
- Siuddhar, Srirangam, The Essence of Vaasi Yoga. Published by Srirangam Siddhar, Chennai, India, 2000.
- Sri Swami Sivananda, Kumdalini Yoga. Editorial Kier S.A., Buenos Aires, 1995.
- Studies on the Tantas Collected Papers, The Ramakrisha Mission, Institute of Cultures, Calcutta, India, 1989
- Subbureddiar, N., Collected Papers, Tamil Department Sri Venkateswara University, Tirupati, India, 1985.
- Thirumoolar, Siddhar, Thirumandiram A Classic of Yoga and Tantra. Volumes 1,2 3. Babaji's Kriya and Publications, Montreal, Canada, 1993.
- Yogi Suddhananda Bharathi, Tamil Couplets, Madras, India.
- Zvelebil, Kamil V., The Poets of the Powers. Rider and Company, London, 1973.